

EDUCAÇÃO QUILOMBOLA: A EXPERIÊNCIA DO “GRUPO DE ESTUDOS QUILOMBO PEDAGÓGICO” NO QUILOMBO ANASTÁCIA EM ARARAS-SP

Yume Kikuda Silveira ¹
Luciene C. Risso²

RESUMO

O presente artigo visa em contar a experiência prática de uma educação quilombola, através do projeto Quilombo Pedagógico que ocorreu no Quilombo Anastácia, também conhecido como Ylê Axé de Yansã, localizado no assentamento rural Araras III, no município de Araras interior de São Paulo. Sendo o único terreiro de Candomblé em assentamento rural do Estado de São Paulo. A experiência de um grupo de estudos quilombola teve como intuito principal a retomada dos estudos e a inserção no ensino superior dos quilombolas do Quilombo Anastácia, foi uma maneira de incentivar aqueles que não concluíram o ensino básico à retornarem ao EJA (Educação de Jovens e Adultos) e possibilitar a entrada na universidade por aqueles que já haviam concluído o ensino médio. O projeto Quilombo Pedagógico ocorreu no ano de 2020 em meio a pandemia de COVID-19 que assolou o Brasil e o mundo. Como referencial teórico seguimos a linha de pensamento de Beatriz Nascimento, Kabengele Munanga, Clóvis Moura e outros no que diz respeito aos quilombos, sobre a educação quilombola Givânia Maria da Silva e Georgina Nunes. Esse trabalho é concebido no viés da Geografia Cultural.

Palavras-chave: Quilombo, Educação Quilombola, Assentamento Rural, Terreiro, Candomblé.

ABSTRACT

This article aims to tell the practical experience of a quilombola education, through the Quilombo Pedagógico project that took place in Quilombo Anastácia, also known as Ylê Axé de Yansã, located in the rural settlement Araras III, in the municipality of Araras in the interior of São Paulo. Being the only Candomblé terreiro in a rural settlement in the State of São Paulo. The experience of a quilombola study group had as its main objective the resumption of studies and the inclusion in higher education of the quilombolas of Quilombo Anastácia, it was a way of encouraging those who did not complete basic education to return to EJA (Education of Youth and Adults) and enable those who had already completed high school to enter university. The Quilombo Pedagógico project took place in 2020 amid the COVID-19 pandemic that devastated Brazil and the world. As a theoretical reference, we follow the line of thought of Beatriz Nascimento, Kabengele Munanga, Clóvis Moura and others with regard to quilombos, about quilombola education Givânia Maria da Silva and Georgina Nunes. This work is conceived from the perspective of Cultural Geography.

Keywords: Quilombo, Quilombola Education, Rural Settlement, Terreiro, Candomblé.

¹ Doutoranda em Geografia na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” UNESP campus Rio Claro, yume.kikuda@unesp.br;

² Professora orientadora: Luciene C. Risso, doutora em Geografia, professora na Faculdade Ciências, Tecnologia e Educação – FCTE Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” UNESP campus Ourinhos, luciene.risso@unesp.br.

INTRODUÇÃO

O presente artigo é um relato de experiências do projeto “Quilombo Pedagógico”³ - é um sonho de Mãe Oyassyi e Tata Quejessy - de uma educação quilombola, no Ylê Asé de Yansã⁴ também conhecido como Sítio Quilombo Anastácia, localizado na cidade de Araras interior do Estado de São Paulo, com o intuito de auxiliar nossos irmãos e irmãs quilombolas a terminarem os estudos e terem a oportunidade de entrarem na universidade, algo que durante muito tempo foi negado à população negra, sendo limitada a uma minúscula parcela da população nas universidades, principalmente antes das ações afirmativas.

Assim, em 2020 chegou o momento desse sonho começar a ser realizado. No entanto, vivemos nesse ano o início da pandemia mundial do COVID-19, que perdurou até 2021, principalmente no nosso país com uma situação agravante com muitas mortes segundo a FIOCRUZ foram mais de 230 mil mortes em 2020.

Dessa forma, para acontecer o projeto intitulado “Grupo de Estudos: Quilombo Pedagógico” diante da pandemia, foi adaptar as aulas no formato on-line aos sábados de manhã.

Os educadores do projeto são professores de diversas áreas que fazem parte do Ylê Asé de Yansã, das áreas da História, Geografia, Filosofia, Pedagogia, Sociologia, Química, Língua Portuguesa, Língua Inglesa, atualidades entre outros. Conheceremos mais sobre o projeto, o Quilombo Anastácia e o Ylê Axé de Yansã ao longo desse trabalho.

Para compreendermos os quilombos do século XXI é necessário conhecer o processo histórico de formação dos quilombos no Brasil. Entender o que é um quilombo para compreender o que é a educação quilombola. O processo de formação do território que viria a ser chamado de Brasil, está inteiramente ligado ao processo de expansão colonial europeia, especificamente, a colonização feita por Portugal.

Após a promulgação da Lei nº 10.639/03 e atualização na Lei nº 11.645/08, que torna obrigatório o ensino da História e Cultura africana e afro-brasileira no Ensino Médio e Ensino Fundamental, houve também uma abertura maior para educação quilombola, seja ela formal ou informal. Também com a aprovação das ações afirmativas, “lei de cotas” Lei Nº 12.711/12, a possibilidade de negros e quilombolas continuarem seus estudos e entrarem no ensino superior nos mostra a importância e necessidades de projetos como o Quilombo Pedagógico e outros projetos de escolas quilombolas acontecerem cada vez mais no Brasil.

³ Trabalho é parte da pesquisa de doutorado da autora pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” Unesp campus Rio Claro.

⁴ Pesquisa de doutorado aprovada no Comitê de Ética da Unesp, CAAE: 70698023.8.0000.5411.

O objetivo principal desse trabalho é apresentar a prática pedagógica da experiência de uma educação quilombola no Quilombo Anastácia, uma prática de uma educação antirracista, integradora, emancipadora e construída pelos quilombolas, pelos membros do próprio quilombo, “de nós para nós”. Essa é uma das justificativas da escrita desse artigo, a autora é membra dessa comunidade desde 2016, é uma das educadoras do quilombo, parte da equipe da coordenação do Quilombo Pedagógico. Dessa forma, por ser parte da comunidade, por vivenciar a cultura quilombola e do terreiro, vemos ainda mais a importância de pesquisas e trabalhos que valorizem e fortaleçam os conhecimentos e saberes de comunidades de matriz africana e os quilombos do século XXI que tem se fortalecido através dos aquilombamentos das comunidades e de permitir que os próprios quilombolas e contem suas próprias histórias.

Assim, conheceremos mais sobre o projeto, o Quilombo Anastácia e o Ylê Axé de Yansã ao longo desse trabalho.

METODOLOGIA

Esse trabalho é um relato de experiência que faz parte de uma pesquisa maior, a partir da práxis da educação quilombola, se tornou um artigo e um capítulo da pesquisa de doutorado. Assim, para a construção da pesquisa utilizamos a metodologia de pesquisa participante, onde o pesquisador participa ativamente do grupo e cultura pesquisada.

Concordamos com Brandão 2007 sobre a importância da pesquisa participante na educação popular, nesse caso a educação quilombola,

A relação tradicional de *sujeito-objeto*, entre investigador-educador e os grupos populares deve ser progressivamente convertida em uma relação do tipo *sujeito-sujeito*, a partir do suposto de que todas as pessoas e todas as culturas são fontes originais de saber. É através do exercício de uma pesquisa e da interação entre os diferentes conhecimentos que uma forma partilhável de compreensão da realidade social pode ser construída. O conhecimento científico e o popular articulam-se criticamente em um terceiro conhecimento novo e transformador (BRANDÃO, p. 54, 2007).

Dessa forma, a pesquisadora que faz parte do quilombo desde 2016, atuou como professora e coordenadora do projeto do cursinho quilombola ativamente no ano de 2020, realizado durante a pandemia do COVID-19, de maneira *online*, através de encontros pelo aplicativo *Google Meet* que ocorreram aos sábados de 2020, com aulas de diversas temáticas



como História mundial e do Brasil, Geografia, Filosofia, Pedagogia, Sociologia, Química, Língua Portuguesa, Língua Inglesa e atualidades.

Esse trabalho segue a ótica da Geografia Cultural à luz dos pensamentos negros descoloniais e faz parte da pesquisa de doutoramento da autora.

REFERENCIAL TEÓRICO

Quilombos no Brasil

Para compreendermos os quilombos do século XXI é necessário conhecer o processo histórico de formação dos quilombos no Brasil. Precisamos entender o que é um quilombo para compreender o que é a educação quilombola.

O processo de formação do Brasil, do território que viria a ser chamado de Brasil, está inteiramente ligado ao processo de expansão colonial europeia, especificamente a colonização feita por Portugal em terras brasileiras.

Colonização essa que teve como base econômica o a mão-de-obra escravizada. Os europeus já exploravam a costa africana desde o século XV, mas são nos séculos XVI e XVII que o tráfico negreiro se intensifica, diretamente ligada à colonização do Brasil que começa de fato aproximadamente em 1530. A escravidão foi altamente rentável para a colônia portuguesa, estendendo-se por século afetando diversas regiões do mundo, concordamos com Rezende-Silva:

Embora os europeus tenham explorado a costa africana desde meados do século XV, é nos séculos XVI e XVII que o tráfico negreiro se intensificará. Já existiam negros escravizados na Europa e Ásia, que ali chegaram pelas rotas de tráfico: oriental (pelo Oceano Índico) e a transaariana (pelo deserto do Saara e do Mar Vermelho), contudo, é devido à conquista das Américas que a mão de obra escravizada se fará necessária e um negócio extremamente lucrativo, realizado pela rota transatlântica.

O tráfico negreiro estendeu-se por séculos e envolveu diversas regiões do mundo e um enorme contingente humano, o que o torna uma das maiores tragédias da história da humanidade. (REZENDE-SILVA, 2012, p. 76).

É importante ressaltar ainda nos tempos atuais, que a população negra no Brasil não foi só escravidão, muito pelo contrário, os quilombos são exemplos reais de resistência, organização, está diretamente ligado à construção da identidade negra brasileira e a luta pela

liberdade. Segundo Beatriz Nascimento (2006)⁵ inúmeras foram as formas de resistência do povo negro e o quilombo é um exemplo dessa capacidade de resistência:

Numerosas foram as formas de resistência que o negro manteve ou incorporou na luta árdua pela manutenção da sua identidade pessoal e histórica. No Brasil, poderemos citar uma lista destes movimentos que no âmbito social e político é o objetivo do nosso estudo, Trata-se do Quilombo (Kilombo), que representou na história do nosso povo um marco na sua capacidade de resistência e organização. Todas estas formas de resistência podem ser compreendidas como a história do negro no Brasil (NASCIMENTO, 2006, p. 117).

A resistência é marca do povo negro, não só no Brasil, mas desde o princípio quando eram capturados e sequestrados em África, ao longo do caminho nos navios negreiros e quando chegavam ao Brasil, resistiam ao sistema escravocrata, segundo Silveira (2018):

Muitos dos negros escravizados que foram trazidos para o Brasil, tentavam escapar desse sistema escravocrata violento do qual foram obrigados a fazer parte, fugindo e buscando formas de resistência, e fazendo oposição ao sistema, para sobreviverem e serem livres novamente. Esses lugares foram chamados de quilombos.

Os quilombos foram uma forma de resistência para os negros, tanto para escapar da escravidão, dos castigos, punições e torturas, quanto para criarem um meio alternativo de viverem aqui, relembrando a ancestralidade africana, onde viviam em comunhão com a natureza, pois era através dela que sobreviviam. (SILVEIRA, 2018)

Segundo Kabengele Munanga (1995/96), o autor explica que o quilombo brasileiro é uma cópia do quilombo africano, caracterizado por se opor a uma estrutura escravocrata, onde os negros poderiam ser livres, assim:

Pelo conteúdo, o quilombo brasileiro é, sem dúvida, uma cópia do quilombo africano reconstruído pelos escravizados para se opor a uma estrutura escravocrata, pela implantação de uma outra estrutura política na qual se encontraram todos os oprimidos. Escravizados, revoltados, organizaram-se para fugir das senzalas e das plantações e ocuparam partes de territórios brasileiros não-povoados, geralmente de acesso difícil.

Imitando o modelo africano, eles transformaram esses territórios em espécie de campos de iniciação à resistência, campos esses abertos a todos os oprimidos da sociedade (negros, índios e brancos), prefigurando um modelo de democracia plurirracial que o Brasil ainda está a buscar. (MUNANGA, 1995/96, p. 63).

⁵ Texto original do ano de 1985, foi editado e publicado no livro de Alex Ratts, por isso o ano de 2006, mas sua primeira publicação é do ano de 1985.

Os quilombos se assentavam em lugares de difícil acesso, não urbanizados, para não serem encontrados e escravizados novamente, assim, na maioria das vezes se assentavam em remanescentes de florestas, como explicado por Rezende-Silva abaixo:

Os remanescentes das florestas atlânticas e de outros ambientes naturais espalhados pelo país que não foram capitalizados pela agricultura de exportação, ou pela urbanização, tornaram-se, em muitos casos, o lugar dos povos excluídos ou marginalizados pelo sistema vigente. Muitos negros procuraram sobreviver das florestas residuais e desenvolveram ali um modo de vida, uma territorialidade ajustada à exploração de recursos florestais e à pequena agricultura. (REZENDE-SILVA, 2011, p. 81)

A historiadora Beatriz Nascimento (2006, p. 119) nos traz que a primeira referência a um quilombo em documento oficial da coroa portuguesa data de 1559, entretanto, somente em 1740 as autoridades defiram quilombo.

Clóvis Moura (1986) traz a definição de quilombo para Portugal “toda habitação de negros fugidos que passem de cinco, em parte despovoada, ainda que não tenham ranchos nem se achem pilões neles”.

Essa definição da coroa perdurou durante muitos séculos, essa ideia de que somente escravizados fugidos formariam um quilombo, no entanto hoje, temos uma ressignificação dos quilombos no Brasil, principalmente ligados aos quilombos do século XXI, porém todos com a mesma essência, comunidades negras livres, resistindo ao sistema opressor dominante.

Ao contrário do que se pensa, pós-abolição da escravatura os quilombos não deixaram de surgir, o oposto à isso, muitos quilombos surgem pós-abolição, pois foram expulsos das fazendas que trabalharam a vida toda e não tinham para onde ir, formando novos quilombos, marcados sempre pela resistência ao sistema opressor, concordamos com Rezende-Silva:

Antes e depois da abolição da escravatura o território brasileiro esteve marcado pela presença de comunidades negras que fugindo da escravização e da discriminação ocuparam a fronteira florestal do país. Constituindo-se assim pontos de resistência e reafirmação de seus direitos, resistindo às pressões de fazendeiros, de especuladores imobiliários e até mesmo do poder público (REZENDE-SILVA, 2012 p. 102).

Segundo Kabengele Munanga (1995/96) os africanos e afro-brasileiros, que chamamos de população negra no Brasil, não ficaram presos aos modelos ideológicos excludentes e opressores. Suas práticas eram consideradas transculturais, sobre isso, o Quilombo dos Palmares, o mais famoso dos quilombos brasileiros foi muito conhecido por aceitar além de negros, indígenas e até brancos que eram contra o sistema dominante. Sobre as práticas e estratégias o autor escreveu:

Com efeito, os escravizados africanos e seus descendentes nunca ficaram presos aos modelos ideológicos excludentes. Suas práticas e estratégias desenvolveram-se dentro do modelo transcultural, com o objetivo de formar identidades pessoais ricas e estáveis que não podiam estruturar-se unicamente dentro dos limites de sua cultura. Tiveram uma abertura externa em duplo sentido para dar e receber influências culturais de outras comunidades, sem abrir mão de sua existência enquanto cultura distinta e sem desrespeitar o que havia de comum entre seres humanos. Visavam a formação de identidades abertas, produzidas pela comunicação incessante com o outro, e não de identidades fechadas, geradas por barricadas culturais que excluem o outro. (MUNANGA, 1995/96, p. 63)

A Constituição Federal de 1988 é um marco na luta dos povos quilombolas, mas é resultado de muita luta do movimento negro. Os debates entorno da temática quilombola tem seu início de forma mais geral e aberta na década de 1930, sobre os direitos quilombolas, o reconhecimento das comunidades e a luta pela terra.

Assim, quando aprovada na constituição, não entrou como lei seguindo a proposta do movimento negro, mas foi aprovada nas *Disposições Constitucionais Transitórias*, da seguinte forma: “aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos”. O que limitava às comunidades formadas antes da abolição que permaneceram em suas terras, excluindo os quilombos formados pós-abolição.

Após a promulgação da Constituição de 1988 novos estudos e pesquisas sobre quilombos brasileiros começam a ocorrer e aumentar, saindo dessa visão engessada, que apenas negros escravizados fugidos em área despovoada que constituiriam um quilombo. (Silveira, 2018, p. 27).

Vale ressaltar que os quilombos no Brasil atuaram e atuam como agentes formadores da cultura negra brasileira, bem como da identidade negra, a partir da tomada da consciência negra. A distribuição espacial dessas comunidades está relacionada diretamente à diversidade cultural negra e de resistência. Concordamos com Munanga (2003):

Têm-se culturas particulares que escapam da cultura globalizada e se posicionam até como resistência ao processo de globalização. Essas culturas particulares se constroem diversamente tanto no conjunto da população negra como no da população branca e oriental. É a partir da tomada de consciência dessas culturas de resistência que se constroem as identidades culturais enquanto processos e jamais produtos acabados. São essas identidades plurais que evocam as calorosas discussões sobre a identidade nacional e a introdução do multiculturalismo numa educação-cidadã, etc.

Olhando a distribuição geográfica do Brasil e sua realidade etnográfica, percebe-se que não existe uma única cultura branca e uma única cultura negra e que regionalmente podemos distinguir diversas culturas no Brasil (MUNANGA, 2003, s/p)

Dessa forma, os quilombos e a população negra foram fundamentais para a formação da identidade brasileira, sendo considerados um dos pilares do tripé das matrizes culturais formadoras do povo brasileiro. Além de manter de forma oral ao longo dos séculos as religiões de matriz africana, criadas no Brasil. Concordamos com Silveira (2018):

Os quilombos brasileiros foram e são de suma importância para o reconhecimento da identidade negra brasileira. Sendo desde seu princípio foco de resistência e luta dessa população, contribuindo para a valorização da cultura negra, de suas etnias, religiões de matrizes africanas e principalmente de seu povo guerreiro, que foi o alicerce da construção do Brasil, como uma importante matriz cultural na formação do povo brasileiro. (Silveira, 2018, p. 30).

Por isso, o quilombo representa a resistência do povo negro, segundo Beatriz Nascimento (2006) é um instrumento importantíssimo no processo de reconhecimento e formação da identidade negra brasileira, pois, por muitos séculos a humanidade, identidade, memória e ancestralidades eram negadas aos negros. Nas palavras de Beatriz:

[...]Por tudo isto [que] o quilombo representa um instrumento vigoroso no processo de reconhecimento da identidade negra brasileira para uma maior auto-afirmação étnica e nacional. O fato de ter existido como brecha no sistema em que negros estavam moralmente submetidos projeta uma esperança de que instituições semelhantes possam atuar no presente ao lado de várias outras manifestações de reforço à identidade cultural (NASCIMENTO, 2006, p. 125).

É possível perceber, que ter os direitos garantidos pela lei, seja abolição da escravatura, direito às terras ou o próprio racismo que é crime perante a lei, mas ainda poucos são responsabilizados por seus crimes, não é suficiente ter os direitos garantidos pela lei, é necessário sempre estar em luta para garantir a efetivação desses direitos, segundo Silveira (2018):

Durante todos esses séculos a população negra resistiu e lutou por seus direitos. No período da escravidão, além das revoltas, fugas, a formação de quilombos, também foi importante o movimento abolicionista, que lutava pelos direitos a liberdade dos negros escravizados. Já a partir da abolição da escravatura, o movimento negro urbano, foi muito importante para as lutas e conquistas dos direitos da população negra no Brasil. (SILVEIRA, 2018, p. 33).

Nas últimas décadas vemos o surgimento de muitos quilombos, que chamamos de quilombos do século XXI, tanto na zona rural quanto na zona urbana, os quilombos urbanos. A população negra continua vendo o quilombo como uma alternativa ao sistema dominante, não

mas escravista, mas agora, capitalista. O que faz cada vez mais, os negros aquilombarem, criando novos quilombos e relações quilombolas.

Educação quilombola

A educação quilombola tem duas vertentes: educação formal e educação não-formal. A educação quilombola não-formal é composta pelos conhecimentos e saberes ancestrais e do cotidiano ligados ao modo de fazer e existir de cada comunidade quilombola, passados através da oralidade, de geração a geração.

Segundo o Ministério da Educação, através do Conselho Nacional da Educação Câmara de Educação Básica que definiu as *Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação básica* em 2010, a educação escolar quilombola é desenvolvida em suas próprias terras e cultura, necessitando de uma pedagogia própria, considerada educação quilombola formal, como podemos ver na resolução abaixo:

Art. 41. A Educação Escolar Quilombola é desenvolvida em unidades educacionais inscritas em suas terras e cultura, requerendo pedagogia própria em respeito à especificidade étnico-cultural de cada comunidade e formação específica de seu quadro docente, observados os princípios constitucionais, a base nacional comum e os princípios que orientam a Educação Básica brasileira. Parágrafo único. Na estruturação e no funcionamento das escolas quilombolas, bem como nas demais, deve ser reconhecida e valorizada a diversidade cultural. (BRASIL, 2010, p.12 e 13)

Para pensarmos uma definição e diferenciação sobre os conceitos da educação quilombola e educação escolar quilombola, a primeira acontece no próprio quilombo, a partir das atividades cotidianas e de formação, onde são compartilhados conhecimentos e saberes ancestrais. Já a educação escolar quilombola, seria a união dos saberes ancestrais das comunidades quilombolas com os saberes curriculares. O Centro de Referência em Educação Integral traz a seguinte definição que concordamos:

A **educação quilombola** acontece nas comunidades por meio do compartilhamento de conhecimentos e saberes entre todos. Já a educação escolar quilombola visa uma aproximação entre os saberes da comunidade e os curriculares.

Logo, a educação quilombola na escola deve partir dos princípios de uma educação integral, isto é, reconhecer o território e a comunidade como parte do processo educativo.

Isso significa que a escola precisa de uma arquitetura que faça sentido para a comunidade em que está inserida. Que a merenda não destoe da alimentação a qual as crianças estão acostumadas. E que estejam presentes, no dia a dia da escola, as referências, valores sociais, culturais, históricos, econômicos,



brincadeiras, calendários, e modos de ensino-aprendizagem próprios da comunidade. (Site da instituição Centro de Referência Integral)

A educação escolar quilombola ou educação formal, representa no Brasil uma política pública de reparação racial, com a finalidade de garantir o acesso, a permanência à educação pública, gratuita e de qualidade, unindo as questões curriculares aos saberes ancestrais quilombolas de cada comunidade. Concordamos com Neto, Soares e Coqueiro (2007):

A educação escolar quilombola representa uma política pública em construção, cujo objetivo maior é garantir o acesso, a permanência e o sucesso escolar aos estudantes quilombolas ofertando uma educação de qualidade e “par e passo” com a história, cultura e os marcos ancestrais da comunidade quilombola. (NETO, 2007 p.8)

Quando pensamos o currículo para escolas quilombolas juntamente com seu Projeto Político Pedagógico, é necessário levar em consideração:

I -Os conhecimentos tradicionais, a oralidade, a ancestralidade, a estética, as formas de trabalho, as tecnologias e a história de cada comunidade quilombola;

II -as formas por meio das quais as comunidades quilombolas vivenciam os seus processos educativos cotidianos em articulação com os conhecimentos escolares e demais conhecimentos produzidos pela sociedade mais ampla (BRASIL, 2012, p.12).

Então é essencial considerar as demandas de cada comunidade quilombola, a partir de suas histórias, práticas, conhecimentos, saberes, modo de vida, religiosidade e também seu lugar de acordo com cada localização geográfica. Segundo a autora Thayná dos Santos Almeida (2018):

Assim sendo, as educações escolares devem levar em consideração as demandas das comunidades quilombolas, suas histórias, identidade, culturas, práticas, saberes, de modo que que venha garantir o direito de se apropriarem dos conhecimentos construídos tradicionalmente em seus territórios, de modo a garantir seu reconhecimento, valorização e manutenção. Neste sentido, a Educação Escolar Quilombola busca uma educação diferenciada para os oriundos das comunidades remanescentes de quilombo, visando contribuir para que a escola seja o espaço de pertencimento dos estudantes. (ALMEIDA, 2018, p. 30)

Concordamos com a autora Givânia Maria da Silva (2012) que a educação quilombola e a educação escolar quilombola pode fortalecer a construção de uma imagem positiva da população negra brasileira, diferente do estereótipo negro que foi criado durante séculos. Atingindo inclusive adultos, além das crianças e jovens quilombolas. Segundo a autora:

[...]A nossa crença é que a Educação Escolar Quilombola possa, nesse árduo cenário de racismo, discriminação e individualismo, fortalecer a identidade da criança, do jovem e do adulto quilombola, contribuindo com produção de outra imagem da população negra no Brasil. Essa imagem é sua identidade e sua história. É a história de seus ancestrais, a participação de seus antepassados na construção do país e como essa participação foi importante para o Brasil se tornar um dos mais promissores países. (SILVA, 2012, p. 92).

Para isso, é necessário que essa educação quilombola leve em consideração a história, o lugar, o território, os costumes, o modo de fazer e os sujeitos quilombolas, para que tenhamos o que chamamos de uma educação das relações étnico-raciais. De acordo com Nunes (2006):

A proposta de educação quilombola passa por analisarmos qual concepção de educação se fala e, para tanto, é necessário que se reflita sobre o lugar onde o conhecimento vai ser concebido, sobre quais conceitos sustentam uma proposta de educação das relações raciais, em que base didática – pedagógicas práticas educativas emancipatórias serão possíveis, além das estruturas reais e necessárias para que este processo de desencadeie (NUNES, 2006, p. 141-142).

Givânia Maria da Silva (2012) apresenta a “Nossa Educação Quilombola” a partir da experiência do território quilombola Conceição das Crioulas, localizada no Sertão Central do município de Salgueiro-PE. A educação quilombola valorizando a história da comunidade, fortalecendo a identidade quilombola e de luta. Segundo Givânia:

entende-se como “Nossa Educação Quilombola”, o jeito de fazer, contar, recontar, transmitir a história da comunidade, seus valores, costumes, crenças. Fazem parte de conceito também as formas de organização da comunidade, os processos educativos, as lutas para acessar direitos. Tudo isso é visto como a base de sustentação do ensino formal (SILVA, 2012, p. 123).

Assim, é preciso pensar e construir planos de ação para educação quilombola, ligados diretamente aos territórios quilombolas, a partir das experiências, vivências e a própria realidade quilombola. Sobre isso, concordamos com Nunes (2006)

Pensar em um plano de ação para trabalhar com educação quilombola é buscar a noção de território amplamente mencionada no campo das reflexões e, também, na realidade concreta das salas multisseriadas, como característica prevacente no meio rural e, especificamente, nas áreas quilombola. Essas escolhas não propõem uma prática acomodada a uma determinada realidade, mas uma captura de processos reais, que nem são ideais, mas que podem fomentar uma crítica a partir do vivido (NUNES, 2006, p. 157).

Dessa forma, entendemos que cada vez mais a necessidade dos debates, discussões, trocas, experiências para construção de uma educação quilombola cada vez mais forte e que valorize a história e a cultura da população negra brasileira.

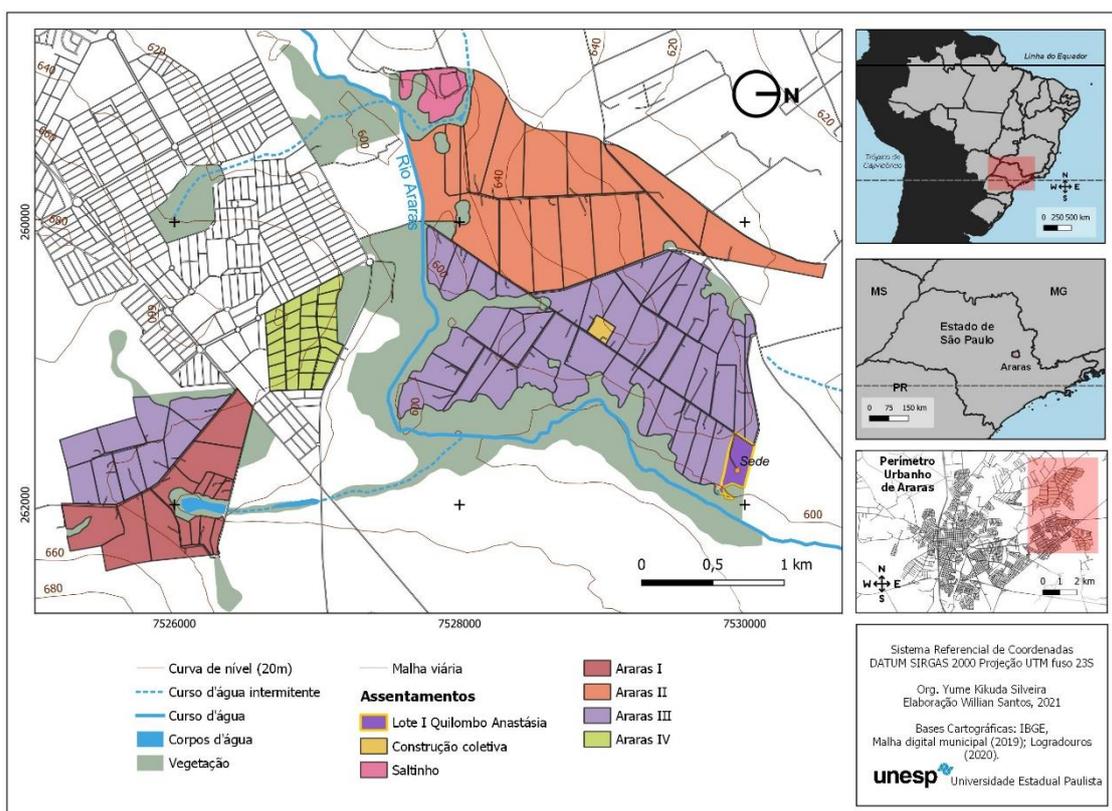


A EXPERIÊNCIA QUILOMBOLA

Aqui iremos apresentar o relato de uma experiência prática de educação quilombola, experiência essa orgânica, não institucionalizada ou governamental, vinda de um sonho dos líderes do Quilombo Anastácia, também conhecido como Ylê Axé de Yansã, de um desejo de educação para todos, quando historicamente a educação foi negada ao povo negro.

Primeiramente, é necessário conhecer a história do Ylê Axé de Yansã ou Quilombo Anastácia, na zona rural do município de Araras, no lote 1 do Assentamento Rural Araras III (figura 1). Sendo o único terreiro de Candomblé em assentamento rural do estado de São Paulo.

Figura 1 – Mapa de localização do Quilombo Anastácia e Ylê Axé de Yansã



Fonte: própria autora, 2021.

Como dito anteriormente, o Ylê Axé de Yansã é liderado pela Doné Oyassyi e por Tata Kejessyi, sendo uma comunidade terreiro de Candomblé, territorializada nesse lugar desde 1995. E deles veio o sonho de uma educação quilombola, com o objetivo que auxiliar os próprios quilombolas, os filhos de santo da casa a retornarem aos estudos, aqueles que não

concluíram e também diretamente aqueles que pretendem ter acesso a universidade, algo que foi proibido a população negra por séculos.

Assim, no ano de 2020 Tata Kejessyi que além de pai pequeno da casa, também é professor de história, chamou todos aqueles filhos da casa da área da educação e todos aqueles que estavam dispostos a construir o projeto da tão sonhada escola no quilombo. A ideia original é uma escola quilombola, com lousa, biblioteca, espaços de estudos e trocas, no entanto ainda não temos o espaço físico, que está em construção na nova sede do Ylê. Para a comunidade isso não seria um empecilho, as aulas poderiam acontecer no barracão *Runkpane de Oyá* até a finalização da nova sede.

Entretanto em 2020 tivemos a chega da pandemia da covid-19, colocando a população brasileira em estado de alerta e isolamento social. Mas Tata Kejessyi e o grupo dos educadores do Ylê não desistiram da ideia e resolveram tentar a experiência virtual, *online*, com aulas aos sábados, pois o nosso público trabalhava ou estudava nos horários comerciais e durante a semana. Não era exatamente o que as lideranças do Quilombo Anastácia tanto sonharam, mas foi uma alternativa para incentivar, mobilizar e auxiliar aos seus a voltar aos estudos.

Começamos da parte prática, convidando todos aqueles que tinham interesse em voltar a estudar, no que chamamos de “Grupo de Estudos: Quilombo Pedagógico”, tudo de forma virtual, que possibilitou inclusive pessoas de outros estados participarem das aulas, tanto como estudantes quanto professores, aulas essas realizadas pelo aplicativo *Google Meet*, organizadas e divulgadas no grupo do *WhatsApp*, os materiais e gravações das aulas eram postadas no *Google Classroom*.

Tentamos parcerias, como por exemplo com o cursinho POLI da Universidade de São Paulo (USP), entretanto houve dificuldades de acesso por parte dos estudantes. Temos que lembrar que o público-alvo desse projeto são trabalhadores, nem sempre com disponibilidade de acesso, tanto aos aparelhos eletrônicos, quanto à internet. Então focamos nas aulas através do *Meet*.

Os educadores do quilombo (figura 2) têm uma formação diversificada, Geografia, História, Filosofia, Sociologia, Matemática, Química, Língua Portuguesa, Língua Inglesa entre outros. Assim, utilizamos aspectos da educação escolar quilombola, atentando-se aos temas do currículo e também temáticas comuns de vestibulares e concursos, e a própria educação quilombola, valorizando os aspectos culturais e históricos da própria comunidade e da população negra brasileira e africana.

Figura 2 – Educadores do Quilombo Pedagógico do Ylê Axé de Yansã



Os temas das aulas (figura 3) trabalhadas foram diversos como seus educadores, como: introdução à química geral, é democracia? Noção de nação na sociedade brasileira, geografia do continente africano, a influência da língua inglesa na cultura brasileira, a formação dos territórios brasileiros com foco nos quilombos, das políticas de colonização aos processos revolucionários da modernidade: o que a sociologia tem a dizer, entre outros temas.

Figura 2 – Arte de divulgação das aulas do Grupo de Estudos Quilombo Pedagógico

**GRUPO DE ESTUDOS
Quilombo Pedagógico
Ilê Axé de Yansã****online via
Google Meet****9:30****ÀS****11:30****CRONOGRAMA DE AULAS
SETEMBRO E OUTUBRO:****26-09 INTRODUÇÃO A QUÍMICA GERAL
[SAMUEL]****03-10 É DEMOCRACIA? A NOÇÃO DE
NAÇÃO NA SOCIEDADE BRASILEIRA
[KATUCHA]****10-10 GEOGRAFIA DO CONTINENTE
AFRICANO [WESLEY]****17-10 A INFLUÊNCIA DA LÍNGUA INGLESA
NA CULTURA BRASILEIRA [BIA]****24-10 FORMAÇÃO DOS TERRITÓRIOS
BRASILEIROS COM FOCO NOS QUILOMBOS
[YUME]****31-10 DAS POLÍTICAS DE COLONIZAÇÃO
AOS PROCESSOS REVOLUCIONÁRIOS
DA MODERNIDADE: O QUE A SOCIOLOGIA
TEM A DIZER? [KATUCHA]**

Fonte: acervo da comunidade

As aulas eram realizadas aos sábados das 9:30 às 11:30, por serem online as aulas, foi possível perceber aspectos bons, como a oportunidade de pessoas de fora de Araras-SP participarem das aulas, entretanto, não tivemos o público que imaginamos. Associamos ao ritmo de atividades dos trabalhadores, que muitas vezes tem o sábado como dia de organização das atividades de casa, além da questão do acesso a internet, além de terem dispositivos eletrônicos que conseguissem acessar o Google Meet, também era necessário uma capacidade de internet para assistir uma aula de 2 horas seguidas, como alternativo à esses problemas, achamos a solução de deixar as aulas gravados no *Google Classroom*, mas também precisa de internet para baixar o arquivo do vídeo.

Vivemos uma experiência prática de educação quilombola, formamos um grupo de estudos, não uma escola, com Projeto Político Pedagógico, coordenadores e demais formalidades, tentamos unir aspectos da educação formal quilombola ligada diretamente ao currículo com a prática da educação quilombola não formal, mas com o mesmo objetivo de possibilitar o acesso à uma educação de qualidade, gratuita a população negra.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como dito anteriormente, o sonho de uma escola quilombola no Ylê é cultivado desde a década de 1990, entretanto teve sua primeira experiência durante a pandemia que assolou o mundo em 2020, de forma *online*.

Começamos da parte prática, convidando todos aqueles que tinham interesse em voltar a estudar, no que chamamos de “Grupo de Estudos: Quilombo Pedagógico”, tudo de forma virtual, que possibilitou inclusive pessoas de outros estados participarem das aulas, tanto como estudantes quanto professores, aulas essas realizadas pelo aplicativo *Google Meet*, organizadas e divulgadas no grupo do *WhatsApp*, os materiais e gravações das aulas eram postadas no *Google Classroom*.

Os educadores do quilombo têm uma formação diversificada, assim, utilizamos aspectos da educação escolar quilombola, atentando-se aos temas do currículo e temáticas comuns de vestibulares e concursos, e a própria educação quilombola, valorizando os aspectos culturais e históricos da própria comunidade e da população negra brasileira e africana.

Os temas das aulas trabalhadas foram diversos, como: introdução à química geral, sobre o que a é democracia, noção de nação na sociedade brasileira, geografia do continente africano, a influência da língua inglesa na cultura brasileira, a formação dos territórios brasileiros com foco nos quilombos, das políticas de colonização aos processos revolucionários da modernidade: o que a sociologia tem a dizer, entre outros temas.

Vivemos uma experiência prática de educação quilombola, formamos um grupo de estudos, não uma escola, com Projeto Político Pedagógico, coordenadores e demais formalidades, tentamos unir aspectos da educação formal quilombola ligada diretamente ao currículo com a prática da educação quilombola não formal, mas com o mesmo objetivo de possibilitar o acesso à uma educação de qualidade, gratuita a população negra.

Como resultados temos os estudantes que voltaram a estudar na escola regular do tipo EJA (Educação de Jovens e Adultos) e para os estudantes que já haviam concluído o ensino médio e pretendiam prestar vestibulares, tivemos os resultados dos vestibulares que saíram no ano de 2021 e tivemos estudantes aprovados na Universidade Estadual Paulista (UNESP) e na Universidade de Campinas (UNICAMP), o que para nós é a realização de um grande sonho, que ainda tem muito a caminhar, amadurecer e crescer, até conquistamos a tão sonhada escola no quilombo, no Ylê Axé de Yansã.

Os resultados dos vestibulares saíram somente em 2021 e tivemos estudantes aprovados na Universidade Estadual Paulista (UNESP) e na Universidade de Campinas (UNICAMP), o que para nós é a realização de um grande sonho, que ainda tem muito a caminhar, amadurecer e crescer, até conquistamos a tão sonhada escola no quilombo, no Ylê Axé de Yansã.

Concluimos o ano com reunião presencial no Ylê Axé de Yansã em dezembro, para fazermos o balanço do que foi o grupo de estudos e os próximos passos. Apesar das conquistas, percebemos a necessidade de que as atividades sejam presenciais no Ylê, que tem dificuldade de acesso ao sinal de internet, houve aulas que a Mãe Oyassyi assistiu e a internet foi instável durante toda a aula.

Como o intuito da educação quilombola é voltada para os próprios quilombolas voltamos à ideia original de um espaço no próprio Quilombo Anastácia para a escola quilombola. Para isso, é necessário o término da pandemia ou pelo menos a vacinação da maioria da população brasileira, também a finalização da construção da nova sede, para termos um espaço diretamente voltado à educação quilombola, espaço esse que está cada vez mais avançando, porém ainda precisamos de arrecadação financeira para o término da construção.

Vimos aqui um relato de experiência de uma educação quilombola, unindo aspectos da educação formal e não-formal, mas com um único objetivo comum de possibilitar o acesso ao conhecimento, à educação, à universidade, acesso esse que foi negado para uma parcela da população por séculos no Brasil, e acreditamos que é preciso diminuir essa desigualdade social para termos realmente uma educação antirracista e fundamentalmente quilombola.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, T. dos S., & SANTOS, O. de A. (2018). **O Impacto da não-implementação da educação escolar quilombola e a sua relação com as perdas dos saberes e práticas tradicionais.** *Espaço E Tempo Midiáticos*, 3(1), 11. Disponível em: <<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/midiaticos/article/view/5723>> Acesso em 23 de Jun. de 2021.



BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Pesquisa participante um falar sobre ausências e silêncios*.

In Escritos Rosa dos ventos. 2007. Acesso em 30 de Março de 2023. Disponível em: <chrome-

extension://efaidnbmnnnibpcajpcgclefindmkaj/https://www.apartilhadavida.com.br/wp-content/uploads/escritos/PESQUISA/PESQUISA%20PARTICIPANTE/A%20%20PESQUISA%20PARTICIPANTE%20%20UM%20FALAR%20SOBRE%20AUS%20C3%8ANCIAS%20E%20SIL%20C3%8ANCIOS%20-%20rosa%20dos%20ventos.pdf>

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica**. Resolução CNE/CEB nº 4, de 13 de julho de 2010. Brasília, Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, 14 de julho de 2010, Seção 1, p. 824, 2010.

MOURA, Clóvis. **Os quilombos e a rebelião negra**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

MUNANGA, Kabengele. **Origem e histórico do quilombo em África**. Revista da USP, 28. 1995/96. Acesso em 24 de Março de 2023. Disponível em: <http://www.periodicos.usp.br/revusp/article/viewFile/28364/30222c >

NASCIMENTO, Beatriz. *O conceito de quilombo e a resistência cultural negra*. In: RATTI, Alex. **Eu sou atlântica; sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento**. São Paulo: Instituto Kuanza; Imprensa Oficial, 2006. p. 117-127

NETO, C. S; SOARES, E; COQUEIRO, E. **Do quilombo à escola: ancestralidade e práticas pedagógicas**. Curitiba:2007

NUNES, G. H. **Educação quilombola: orientações e ações para educação das relações étnico-raciais**. Brasília: [s.n.], 2006.

REZENDE DA SILVA, SIMONE; *A trajetória do negro no Brasil e a Territorialização quilombola no ambiente florestado atlântico*. Olhares Sociais, v. 1, 2012. Disponível em: <http://www3.ufrb.edu.br/olharessociais/wpcontent/uploads/A-trajetoria-do-negro-no-Brasil.pdf> Acesso em: 18 maio 2021.

SILVA, Givânia Maria da. **Educação como processo de luta política: a experiência de “educação diferenciada” do território quilombola de Conceição das Crioulas**. 2012. 199 f., il. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade de Brasília, Brasília, 2012. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/12533?mode=full> Acesso em 23 de Jun. 2021.

SILVEIRA, Yume Kikuda. **Sobre territórios e quilombos: um estudo na comunidade Mandira**. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas. Rio Claro-SP, 2018. Acesso em 5 de Jun. de 2021. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/152735>.

Sites:

<https://educacaointegral.org.br/glossario/educacao-quilombola/>